

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli
(Organizadoras)

 **Atena**
Editora
Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Lilian de Souza
Fernanda Tonelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões / Organizadoras Lilian de Souza, Fernanda Tonelli. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0257-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.572221705>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Arte. I. Souza, Lilian de (Organizadora). II. Tonelli, Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra está organizada em dezoito capítulos que ressoam e repercutem nas áreas de Linguística, Letras e Artes. Traz discussões atuais em diversas temáticas, como o papel da mulher, do negro e do indígena e cultura. Tais abordagens foram tratadas com maestria pelos respectivos autores, que relacionaram as questões educacionais, sociais e individuais dos sujeitos sob o viés da própria linguagem artística.

Outras temáticas abordadas nesta obra nos convidam a refletir sobre situações da atualidade, como a pandemia e a invisibilidade do ser e os depoimentos de educadores acerca do fazer docente em tempos de pandemia sob o viés da análise de discurso. Ainda sobre o processo educacional, discute-se sobre neurociência cognitiva e comportamental e suas influências na educação, destacando os prováveis transtornos de aprendizagem.

Como manifestação artística, a literatura também se faz presente neste livro, percorrendo distintas realidades escritas por autoras e autores pertencentes a diversos períodos. Temos a contemporânea Adriana Vieira Lomar, a ancestralidade e resistência nas obras de Euclides Neto, os diálogos entre Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade, a linguagem estilística de Eva Furnari, entre as leituras e leitores de Machado de Assis e um estudo de caso entre Perón e Wilde. São produções que auxiliam o leitor a explorar os aspectos estilísticos da linguagem poética, das produções narrativas, bem como da dramaturgia.

Por fim, agradecemos à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às autoras e autores que contribuíram aqui com seus trabalhos. Este livro é um convite às/aos estudantes, docentes, artistas, poetas, musicistas e demais representantes da sociedade civil que se interessam em ressoar e repercutir esses diálogos plurais.

Boa leitura!

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A POESIA ÁRABE FEMININA NO PERÍODO DA JAHILIYA: TRADUÇÃO COMENTADA DE VERSOS DE AL-KHANSA E AL- KHIRNIQ

Isabela Alves Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217051>

CAPÍTULO 2..... 9

O CHORO EM SÃO LUÍS: RETRATOS DO CHORO NA CAPITAL MARANHENSE DO FINAL DO SÉC. XIX

Raimundo João Matos Costa Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217052>

CAPÍTULO 3..... 16

A ADAPTAÇÃO DRAMATÚRGICA COMO JOGO: UM ESTUDO DE CASO ATRAVÉS DA RECRIAÇÃO DE PERÓN EM WILDE

Felipe Vieira Valentim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217053>

CAPÍTULO 4..... 27

A PANDEMIA DA INVISIBILIDADE DO SER

Paula Valéria Gomes de Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217054>

CAPÍTULO 5..... 29

TRAVESSIA: A BUSCA DO HOMEM HUMANO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Wcleverson Batista Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217055>

CAPÍTULO 6..... 43

A MANIPULAÇÃO DA INDÚSTRIA CULTURAL SOBRE A CRIAÇÃO ARTÍSTICA EM “UM HOMEM CÉLEBRE”, DE MACHADO DE ASSIS

Francisco Rangel dos Santos Sá Lima

Cícero Nilton Moreira da Silva

Mirna Maria Félix de Lima Lessa

Getuliana Sousa Colares

Daniela Katêrine de Oliveira

Nayara Marantha da Conceição Gurgel

Vivianne Caldas de Souza Dantas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217056>

CAPÍTULO 7..... 54

CONHECENDO A NEUROCIÊNCIA COGNITIVA E COMPORTAMENTAL E SUAS INFLUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO, DESTACANDO OS PROVÁVEIS TRANSTORNOS DE

APRENDIZAGEM

Ingrid Raposo Ramos

Marilei Arruda da Rocha Caballero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217057>

CAPÍTULO 8..... 61

ÚRSULA: A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA OBRA

Ana Cleia Silva Pereira

Josilene dos Santos Sousa

Solange Santana Guimarães Morais

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217058>

CAPÍTULO 9..... 68

MÍMESIS ZERO E O AFETO COMO GERADOR DE EFEITOS EM *ALDEIA DOS MORTOS*, DE ADRIANA VIEIRA LOMAR

Jerusa Silva Nina de Azevedo da Luz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217059>

CAPÍTULO 10..... 80

LEITURAS E LEITORES DE *PAPÉIS AVULSOS*, DE MACHADO DE ASSIS

Valdiney Valente Lobato de Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170510>

CAPÍTULO 11..... 96

PROJETO CIRANDA DA LEITURA

Sílvia Letícia Oliveira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170511>

CAPÍTULO 12..... 106

A LINGUAGEM ESTILÍSTICA DA OBRA LITERÁRIA DE EVA FURNARI

Micheli Cristiana Ribas Camargo

Cristina Yukie Miyaki

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170512>

CAPÍTULO 13..... 116

DEPOIMENTOS DE EDUCADORES ACERCA DO FAZER DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA, UM ESTUDO SOB O VIÉS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Noelma Oliveira Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170513>

CAPÍTULO 14..... 131

HENRIQUETA LISBOA & MÁRIO DE ANDRADE: UM DIÁLOGO SOBRE OS “TRÊS POEMAS DA TERRA”

Ilca Vieira de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170514>

CAPÍTULO 15	149
AS CARTOGRAFIAS DA INFÂNCIA EM “AS MARGENS DA ALEGRIA” E “OS CIMOS” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA	
Lincoln Felipe Freitas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170515	
CAPÍTULO 16	158
ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA NO ROMANCE <i>A ENXADA E A MULHER QUE VENCEU O PRÓPRIO DESTINO</i> , DE EUCLIDES NETO	
Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170516	
CAPÍTULO 17	167
O MITO DE ORIGEM DO <i>KENE</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE LINGUAGEM E ARTE	
Heidi Soraia Berg	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170517	
CAPÍTULO 18	184
SOBRE ONTO-EPISTEMICÍDIO & FOLCLORIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO POVO NEGRO E INDÍGENA NUM LIVRO DE HISTÓRIA DO BRASIL	
Mário Martins Neves Junior	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170518	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	209
ÍNDICE REMISSIVO	210

LEITURAS E LEITORES DE *PAPÉIS AVULSOS*, DE MACHADO DE ASSIS

Data de aceite: 02/05/2022

Valdiney Valente Lobato de Castro

Doutorado em Letras na área de estudos literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente, cursa pós-doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com estudos sobre a circulação da produção e recepção de Machado de Assis em jornais brasileiros. Leciona na Faculdade Estácio do Amapá, onde atua como Professor Titular e é bolsista do Programa Pesquisa Produtividade

RESUMO: A coletânea *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis, publicada em 1882 representa um amadurecimento do conto na pena do escritor carioca, tanto pela composição da edição saída pelas prensas de Henrique Lombaerts quanto pela generosa recepção dos jornais cariocas. Incide nessas leituras o objetivo deste texto: analisar o processo de composição da antologia e a recepção “no calor da hora”, a fim de perceber o amadurecimento de Machado no gênero bem como o processo de canonização do escritor.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis. *Papéis Avulsos*. Jornais. Recepção.

ABSTRACT: Machado de Assis’s collection *Papers Avulsos*, published in 1882 represents a maturation of the story in the pen of the Rio de Janeiro writer, both for the composition of the edition published by the presses of Henrique Lombaerts and for the generous reception of Rio de Janeiro newspapers. The objective of this

text focuses on these readings: to analyze the anthology composition process and the reception “in the heat of the hour”, in order to perceive Machado’s maturity in the genre as well as the canonization process of the writer.

KEYWORDS: Machado de Assis. *Papéis Avulsos*. Newspapers. Reception.

INTRODUÇÃO: O CONTO NA PENA DE MACHADO DE ASSIS

Certamente Machado de Assis nos estudos, pesquisas e eventos tem sido mais analisado pela maestria com que compôs seus romances, principalmente os escritos a partir da produção de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. No entanto, bem antes de o escritor produzir seu primeiro romance, *Ressurreição*, em 1872, já tinha publicado dezenas de contos, a maioria lançada no *Jornal das Famílias*, de Baptiste Louis Garnier, onde começou a colaborar desde 1864. O conto mais antigo do autor de que se tem notícia, “Três Tesouros Perdidos”, data de 1858 e inaugura um gênero em que o autor, por meio século de composição literária, nunca deixou a pena descansar, ou seja, de todas as produções de Machado de Assis, as narrativas breves são o único gênero que o autor tem publicações em todas as décadas de sua vida. Esse devotado cultivo permite com que muitos estudiosos elevem Machado a posição de introdutor do conto brasileiro e grande parte da fortuna crítica reconhece o quanto o autor aprimorou sua prosa

de ficção por meio da escrita de seus contos.

Sua primeira antologia, *Contos Fluminenses*, saída em 1870 pelas prensas de Garnier, reúne sete narrativas, seis delas escritas para figurar no *Jornal das Famílias*. É um volume pequeno, sem introdução e que apesar de ser bastante noticiado pela imprensa carioca, não recebeu grande credibilidade. Quase quatro anos depois, em novembro de 1873, *Histórias da Meia Noite*, sua segunda coletânea é lançada com um total de seis histórias também extraídas do requintado periódico do editor francês. Para muitos biógrafos, como Lúcia Miguel Pereira (1955), o autor vendeu o volume antecipadamente, com contrato assinado em 1869, a Garnier porque tinha interesse em receber o dinheiro para custear seu casamento com Carolina de Novais.

Do mesmo modo que a primeira e apesar de o autor ter feito alterações no corpo das narrativas para poderem compor a coletânea, também é uma publicação modesta. Não só pela quantidade de histórias como também pela “Advertência” do escritor. Nesse texto, Machado diz que a única pretensão das histórias é “ocupar a sobra do precioso tempo do leitor”, e enfatiza que as páginas são as mais “desambiciosas do mundo”. É quase um pedido de desculpa, tímido, acanhado que oferece ao leitor um volume pequeno que também não causou grande repercussão nos jornais cariocas. Ao contrário do tamanho diminuto, da modéstia do autor e da recepção minguada das duas primeiras antologias, a produção e a recepção da terceira coletânea demonstram não só maior credibilidade do público e do autor ao gênero como também o maior domínio de Machado na composição das narrativas breves.

A PRODUÇÃO DA COLETÂNEA *PAPÉIS AVULSOS*

Em 1882, foi lançada a coletânea *Papéis Avulsos*, reunindo um expressivo número de doze contos extraídos de cinco jornais: *d’A Estação*: “O Alienista” (1881), e “D. Benedita” (1882); *d’A Epoca*: “A Chinela Turca” (1875); *d’O Cruzeiro*: “Na arca” (1878); *da Gazeta de Notícias*: “A Teoria do Medalhão” (1881), “O segredo do Bonzo” (1882), “O anel de Polícrates” (1882), “O empréstimo” (1882), “A Sereníssima República” (1882), “O Espelho” (1882) e “Verba Testamentária” (1882); e *do Jornal das Famílias*: “Uma visita de Alcebiades”

1 A inserção desse conto na coletânea é acompanhada de uma história que, segundo alguns biógrafos, pode ser a causa de Machado ter atrasado a entrega dos originais para a impressão. O personagem Xavier, que figura na narrativa, é uma homenagem do autor ao seu amigo Artur de Oliveira (1851-1882), estudante rio-grandense que aos dezesseis anos se mudou para o Rio de Janeiro, a fim de ingressar na carreira jurídica. Sem sucesso, ele residiu alguns anos em Paris e em Berlim. Ao retornar para a capital fluminense, trabalhou como jornalista e professor. Em 21 de agosto de 1882, consumido pela tuberculose, faleceu aos 31 anos. Machado, então, faz uma longa nota ao conto na coletânea *Papéis Avulsos*, citando uma carta do amigo escrita para o autor sete dias antes de sua morte. A carta é curta, provavelmente devido ao estado do enfermo: “O verde das couves espanejava-se em uma onda de pirão, cor de ouro. A palheta de Ruisdael, pelo encendido do ouro, não hesitaria um só instante em assinar esse pirão mirabolante, como diria o grande e divino Teo” (ASSIS, 2009, p.277) e Machado, em nota, a lembra: “Sete dias antes de o perdermos, isto é, a 14 deste mês, prostrado na cama, roído pelo dente cruel da tísica, escrevia-me a propósito de um prato de jantar [...]. Vede bem que esta admiração é de um moribundo, refere-se um morto, e fala na intimidade da correspondência particular. Onde outra mais sincera?” (ASSIS, 1882, p. 92). Quatorze anos depois, por ocasião da fundação da Academia Brasileira de Letras, o escritor luso-brasileiro Filinto de Almeida escolhe Artur de Oliveira como patrono da cadeira n.º 3.

(1876) e, além dessas narrativas, ainda o acrescentou sete notas.

É indiscutível que de todas essas narrativas a crítica tem se debruçado muito mais sobre as confusões de Simão Bacamarte em Itaguaí, apresentadas em “O Alienista”. Para caracterizar o atraso da localidade, o jornal é o elemento de modernidade que falta:

Não dispunha de imprensa, tinha dois modos de divulgar uma notícia: ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da Câmara e da matriz; – ou por meio de matraca. Eis em que consistia este segundo uso. Contratava-se um homem, por um ou mais dias, para andar às ruas do povoado, com uma matraca na mão. De quando em quando tocava a matraca, reunia-se gente, e ele anunciava o que lhe incumbiam – um remédio para sezões, umas terras lavradas, um soneto, um donativo eclesiástico, a melhor tesoura da vila, o mais belo discurso do ano etc. (ASSIS, 1882, p. 11).

Curiosamente, as notícias anunciadas pelo “homem da matraca” pertencem aos mesmos assuntos que figuram nos jornais do XIX. Parece imprescindível para caracterizar uma sociedade as notícias veiculadas nos periódicos, como também ocorre no suposto reino de Bungo, em “O Segredo do Bonzo”, em que se realçam as virtudes do suporte:

as notícias da semana, políticas, religiosas, mercantis e outras, as novas leis do reino, os nomes das fustas, lancharas, balões e toda a casta de barcos que navegam estes mares, ou em guerra, que a há freqüente, ou de veniaga. E digo as notícias da semana, porque as ditas folhas são feitas de oito em oito dias, em grande cópia, e distribuídas ao gentio da terra, a troco de uma espórtula, que cada um dá de bom grado para ter as notícias primeiro que os demais moradores. Ora, o nosso Titané não quis melhor esquina que este papel, chamado pela nossa língua Vida e claridade das coisas mundanas e celestes, título expressivo, ainda que um tanto derramado (ASSIS, 1882, p. 22).

A seleção das narrativas de *Papéis Avulsos* concentrou-se no início da década de 1880, mas dois contos são anteriores a isso. “Uma visita de Alcebiades” surgiu em outubro de 1876 no jornal do Garnier e, em primeiro de janeiro de 1882, foi reescrito para figurar na *Gazeta de Notícias*. Nas notas da coletânea, o próprio Machado esclarece: “Este escrito teve um primeiro texto, que reformei totalmente mais tarde, não aproveitando mais do que a ideia. O primeiro foi dado com um pseudônimo e passou despercebido” (ASSIS, 1882, p. 98). O autor refere-se ao nome Victor de Paula, usado na primeira publicação, e a ideia aproveitada é o aparecimento de modo imprevisto de um personagem da Antiguidade Clássica: o grego Alcebiades. Mauro Rosso, que organizou o livro *Textos inéditos em livro* (2014), classifica o conto como “sob o mesmo título, mas com textos diferentes (p. 48), considerando também tratar-se de um novo texto, principalmente por que na versão para a *Gazeta* o texto passa a ser epistolar precedido de um subtítulo: “carta do desembargador X... ao chefe de polícia da Corte”, por isso o desembargador se apropria da narração e as mudanças tornam-se substanciais.

Em carta a Nabuco, assinada a 14 de abril de 1883, Machado dá pistas sobre a seleção da coletânea ao enviar o livro para o amigo apreciar:

Papéis Avulsos, em que há, nas notas, alguma coisa concernente a um

episódio do nosso passado: a *Época*. Não é propriamente uma reunião de escritos esparsos, porque tudo o que ali está (exceto justamente a *Chinela Turca*) foi escrito como fim especial de fazer parte de um livro. *Você* me dirá o que ele vale. (ASSIS, 2009, p. 296).

No entanto, ao fazer parte do livro, o autor fez alterações no final do conto: ao invés de Duarte jurar nunca mais “assistir à leitura de melodramas”, o autor conclui “muitas vezes o melhor do drama está no espectador e não no palco”. Essa observação que, ao mesmo tempo apazigua as influências nocivas do texto e elege o leitor como responsável pela sua compreensão, também é uma percepção da maturidade do autor, que pode ser vista em outros momentos da coletânea.

Porém, se a narrativa é tão diversa das demais, que foram previamente planejadas para figurar em um livro, por que foi selecionada? Antes de ampliar as possibilidades dessa questão, é preciso analisar a relação entre os suportes a partir dessa carta de Machado. Crestani (2014) reflete:

Se tudo foi “escrito” para compor a coletânea, a ideia do livro vinha sendo pensada desde o momento da escritura das narrativas, ou seja, antes mesmo da publicação nos periódicos. Portanto, essa informação inverte o modo de se conceber o percurso do texto entre o jornal e o livro. Habitualmente, o processo tende a ser entendido a partir da suposição de que o autor seleciona as produções que obtiveram maior repercussão quando da sua publicação inicial. No entanto, se tudo foi pensado previamente para compor o livro, Machado de Assis não selecionou as narrativas já escritas, mas os periódicos que ofereciam condições de atender mais adequadamente às particularidades de cada texto. (2014, p.165).

Com isso se compreende o porquê da variedade de periódicos em que Machado recolheu textos para a coletânea. Retornando à pergunta anterior, há de se considerar então que o autor tivesse um fio condutor juntando todas as narrativas e, ao compilá-las, percebeu que o antigo conto, quando era colaborador do Garnier, assemelhava-se a essa unidade. Ainda sem responder a pergunta, vale lembrar que o autor fez adequações em outros contos para incorporá-los na antologia. Os que fizeram parte da *Gazeta de Notícias* tiveram substituições mínimas como alterações sintáticas, correções de pontuação ou troca de palavras. Nesses contos, a alteração mais relevante foi quanto ao título, como em “O Segredo do Bonzo”, “Verba Testamentária” e “O empréstimo”.

Além dos já mencionados “A Chinela Turca” e “Uma Visita de Alcebiades”, no “O Alienista”² foram feitos alguns ajustes para melhorar o estilo, torná-lo mais conciso e elegante. No conto “D. Benedita”, foram eliminados alguns trechos mais romanescos condizentes com a proposta d’A *Estação* e “Na arca” foi retirado um prefácio introdutório. O trecho excluído explicava como as páginas bíblicas chegavam à mão do autor e

² Nos anexos da tese de doutorado de Jaison Luís Crestani (2014) intitulada *Machado de Assis e o processo de criação literária: estudo comparativo das narrativas publicadas n’A Estação (1879 -1884), na Gazeta de Notícias (1881-1884) e nas coletâneas Papéis Avulsos (1882) e Histórias sem Data (1884)* há o cotejo feito entre as versões dos periódicos e a que configurou na coletânea.

localizavam-nas em meio à Bíblia. Esse prefácio, construído para figurar nas páginas d’*O Cruzeiro*, parece ser uma explicação demasiada e, por isso, provavelmente o autor deve ter julgado desnecessário.

As alterações ocorridas em *Papéis Avulsos* são pouco significativas; não chegam a alterar drasticamente o texto. Isso também é um argumento para validar as palavras do autor; é possível que, bem antes de compor essas histórias, ele já tivesse uma matriz do que queria, no futuro, para figurar em sua coletânea.

As adaptações construídas parecem fazer sentido ao se considerar o adjetivo “avulsos” não apenas no campo semântico relacionado a dispersos, que realmente o foram, visto fazerem parte de vários periódicos, mas também como distintos. Notadamente, as narrativas recolhidas parecem representar uma miscelânea de construções, as quais, algumas vezes, precisaram de ajustes para assim se encaixarem. Isto é, a análise das formas discursivas dessas histórias revela uma intrigante multiplicidade de constituições. Em “O Alienista”, há o tema da loucura apresentado por meio de uma “crônica histórica”; “O Segredo do Bonzo” é uma “narrativa de viagem” empreendida por Fernão Mendes Pinto, explorador e aventureiro português do século XVI, quando esteve no reino de Bungo; por isso, a narrativa recebeu o subtítulo “Capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto”, seu título anterior, inclusive, quando circulou no jornal. “Teoria do Medalhão” é um diálogo filosófico para Janjão aprender a tornar-se um medalhão aos 45 anos. “O espelho” é apresentado como “esboço de uma nova teoria da alma humana” para tratar da descoberta de Jacobina sobre a “segunda alma”. “A Sereníssima República” conta a “conferência do cônego Vargas” a respeito da “organização” política das aranhas (e dos homens). “Na arca” trata de “três capítulos inéditos de Gênesis” para mostrar, com uma estrutura sintática e escolhas lexicais similares à bíblica, a relação entre Noé e seus filhos, os quais disputam a terra antes de acabar o dilúvio. “O empréstimo” é, como dizia seu subtítulo anterior, uma “anedota filosófica”, conto breve que trata de Custódio e sua intenção de emprestar cem mil réis do tabelião. “Verba Testamentária” também teve subtraído seu antigo subtítulo “caso patológico dedicado à Escola de Medicina”, em que se esclarece o problema doentio de Nicolau e sua morte como redenção. Em “O anel de Polícrates”, há um diálogo entre dois amigos A e Z, que comparam a sorte de Xavier com a do grego Polícrates. “D. Benedita” é um perfil psicológico da senhora que espera o retorno do marido.

Com toda essa pluralidade de gêneros do discurso³, é fácil entender por que o autor transformou “Uma visita de Alcebiades” em um gênero epistolar e acrescentou “Uma Chinela Turca”, narrativa que se revela como um sonho, por isso a coesão proposta pelo autor, como a de apresentar distintas formas de composição de narrativas, o que permite compreender o campo semântico de “avulsos” e também a unidade a que ele se referiu na

3 Crestani (2014) percebeu também que, nas seis notas da coletânea, há formas estilísticas diversificadas: análise linguística (A), apreciação contextual (B), posicionamento literário (C), poesia e esboço biográfico (D), interpretação alegórica (E) e reformulação textual (F).

carta a Nabuco.

No prefácio, essa unidade é o que inicia a “Advertência” do autor:

Este título de Papéis Avulsos parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa. Quanto ao gênero deles, não sei que diga que não seja inútil. O livro está nas mãos do leitor. Direi somente, que se há aqui páginas que parecem meros contos e outras que o não são, defendo-me das segundas com dizer que os leitores das outras podem achar nelas algum interesse, e das primeiras defendo-me com São João e Diderot. O evangelista, descrevendo a famosa besta apocalíptica, acrescentava (XVII, 9): “E aqui há sentido, que tem sabedoria”. Menos a sabedoria, cubro-me com aquela palavra. Quanto a Diderot, ninguém ignora que ele, não só escrevia contos, e alguns deliciosos, mas até aconselhava a um amigo que os escrevesse também. E eis a razão do enciclopedista: é que quando se faz um conto, o espírito fica alegre, o tempo escoá-se, e o conto da vida acaba, sem a gente dar por isso. Deste modo, venha donde vier o reproche, espero que daí mesmo virá a absolvição. (ASSIS, 1882, p. 1).

Curiosamente, a advertência da coletânea é assinada em outubro, mesmo mês em que “Verba Testamentária” sai nos periódicos. Escrito cerca de dez anos desde o último, em 1873, esse prefácio pertence a um autor muito mais maduro. No primeiro, há quase uma desculpa com textos para ocupar o “precioso tempo do leitor”, contando com um leitor “benévolo”, e páginas “desambiciosas” e o autor usa a primeira pessoa para pedir a “generosidade” do leitor. Já nesse há um autor muito mais experiente e consciente de sua pena, perceptível principalmente pela neutralidade na opção pela terceira pessoa. Ao admitir que todos os textos fazem parte de uma só família, apesar de retirados de diferentes fontes, a metáfora usada como o pai que obriga os filhos a sentarem, se refletida com as alterações feitas por Machado, ganha uma conotação especial, em que o verbo “obrigar” pode ser muito bem compreendido como torcer, forçar ou mesmo alterar. Além disso, o autor não está apresentando histórias ingênuas ou despreziosas, como antes, mesmo naquelas que podem parecer “meros contos”, há “sabedoria”. Eis a razão por Genette (apud Chartier, 2014) considerar o paratexto como uma zona não apenas de transição para o texto que vai se anunciar, mas sim de transação, onde se esclarecem os jogos por trás do texto, as estratégias do autor e ainda os cuidados com o leitor.⁴

E para falar da importância desses escritos, Machado recorre ao evangelista São João e ao enciclopedista Diderot⁵, respectivamente um ícone da religião e o editor-chefe

4 No texto “O Pulo do Gato”, saído no livro *Por uma Esquizofrenia Produtiva*, de 2015, João Cezar de Castro Rocha, desconfiado do artigo indefinido apresentado por Machado na expressão “uma unidade” da “Advertência”, propõe que a leitura dos contos não deva ser feita como em uma tentativa de “encasacar os contos numa camisa de força”, mas sim de perceber como o gênero serviu como um espaço propício para a experimentação da pena do escritor.

5 Na biblioteca de Machado de Assis, há dois volumes das obras completas de Diderot, datados de 1880, poucos anos antes da publicação da coletânea, conforme organizado por José Luís Jobim, em *A Biblioteca de Machado de Assis*, obra publicada em 2001. Também Daniela Magalhães da Silveira (2010), em sua tese de doutorado *Fábrica de Contos*:

dos escritos iluministas, duas referências para assegurar a seriedade da coletânea, que não é mais apenas um passatempo.

Desde a primeira advertência, Machado tinha consciência da importância do leitor para a aceitação da sua obra, tanto que conta com a sua generosidade. Também vale lembrar outra importante figura: o editor, que só recentemente tem merecido mais atenção da crítica. Na abertura de *Papéis Avulsos*, o autor elege o leitor como a figura mais importante para a aceitação da obra, pois é nas mãos dele que o livro está e é ele quem vai julgá-lo interessante ou não.

Também a crítica aparece como elemento importante, pois pode vir o “reproche”, mas também é dela que pode surgir a remissão. E, ao usar o vocábulo em destaque, Machado o usa como a primeira das suas notas para afirmar que recebeu duas cartas anônimas há cerca de dois anos, de “pessoa inteligente e simpática”, em que notou o uso do vocábulo “rebroche” e, como não sabia como responder, resolve utilizar as notas para alertar sobre a origem da palavra e o uso já antiquado.

Daniela Magalhães da Silveira (2010), ao estudar os contos que compõem a coletânea, a fim de perceber como todos eles, de certa forma, conduzem às questões científicas da época, analisa essa introdução do autor e considera:

Papéis avulsos podem ser entendidos como escritos que foram apartados de sua coleção original. (...) Enquanto pertenceram à imprensa, não passaram de papéis avulsos, sem correlação um com o outro, apenas com o próprio periódico. No entanto, depois de retornar ao suposto lugar de origem, ou seja, ao livro, deixaram de ser avulsos, porque pertenciam à mesma família e ao mesmo projeto de escrita. Mas ainda fica uma pergunta: por que Machado teria escolhido um título que remetia aos contos antes da formação da coletânea? Talvez para desviar a atenção dos leitores da certeza de que estavam diante de obra com temática fechada. Um dos principais objetivos de Machado, por meio daquele livro, girava em torno de relativizar algumas das principais certezas de seus leitores surgidas enquanto preparava a obra. Esta hipótese não resolve por completo o problema da titulação da coletânea. Mesmo porque Machado parecia não querer que os títulos de seus livros de contos tivessem sentidos claros e unívocos. Acompanhado da inclusão daquela “Advertência” e também das “Notas”, o objetivo do autor parece ter sido o de explicar (alguma vezes complicando ainda mais) o gênero conto e as influências absorvidas de outras obras. (SILVEIRA, 2010, p. 66).

Por mais que grande parte dos contos já tivesse sido recentemente publicada, a antologia faz sucesso⁶ porque, em carta datada de 6 de dezembro de 1884, Gomes

as mulheres diante do cientificismo em contos de Machado de Assis, percebe que a estratégia utilizada por Machado de Assis no conto “O anel de Polícrates” em nomear as personagens com as letras A e Z assemelha-se com a estratégia de Diderot em “Suplemento a viagem de Bougainville”.

⁶ Dada a excelente repercussão crítica de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, livro considerado inaugurador do amadurecimento do autor e saído um ano antes de *Papéis Avulsos*, é comum acreditar que o romance foi um sucesso. No entanto, a recepção do público não foi tão boa assim, pois, em carta de 21 de julho de 1882, Miguel de Novais tenta animar o cunhado: “Parece-me não ter razão para desanimar e bom é que continue a escrever sempre. Que importa que a maioria do público não compreendesse o seu último livro? Há livros que são para todos e outros que são só para alguns. O seu último livro está no segundo caso e sei que foi muito apreciado por quem o compreendeu. Não são, e o amigo sabe-o bem, os livros de mais voga os que têm mais mérito (ASSIS, 2009, p. 273).

de Amorim⁷ envia uma carta de Lisboa agradecendo o recebimento do livro: “Em tempo recebi o seu excelente livro *Papéis Avulsos*, que teve o poder de me fazer passar menos amargamente algumas horas de minha triste vida” (ASSIS, 2009, p. 328).

Algumas obras circulavam entre Portugal e Brasil, principalmente se houvesse essa relação de amizade entre remetente e destinatário. Nesse caso, a obra é doada a Gomes de Amorim a pedido de Miguel de Novais, cunhado de Machado, mas, no caso dessa antologia, o processo da entrega da remessa transformou-se em um episódio anedótico. Depois de um tempo morando em Paris, em 1881, o cunhado retorna a Portugal e, em 2 de novembro de 1882, escreve para Machado pedindo a obra: “Espero que não se esqueça de mandar-me logo que se lhe ofereça ocasião, um exemplar do seu novo livro – *Papéis avulsos* – tenho vontade de lê-lo” (ASSIS, 2009, p. 281). Em 21 de janeiro de 1883, nova carta de Miguel foi enviada a Machado para informá-lo que recebeu a carta deste afirmando que três exemplares foram enviados por Alferes Chaves, mas não foram entregues. O missivista conta que procurou saber informações sobre o portador, por querer imediatamente ler a antologia, mas soube apenas notícias de que era um mau mensageiro, fazendo suar quem dele dependesse para obter o objeto pretendido.

Em 19 de fevereiro do mesmo ano, Miguel de Novais escreve a Machado para falar do não recebimento dos livros e da tentativa de localizar o tal alferes por meio das pessoas que o conhecem, mas não tem mais esperanças, pois o portador é “pantomimeiro”. Somente em 27 de maio, em nova carta, Miguel afirma o recebimento de novos livros enviados por Machado. Os anteriores nunca foram recebidos.

Essa assídua correspondência com o cunhado não é, obviamente, apenas por esse episódio. Com Miguel de Novais, Machado conversa sobre assuntos que não tratava nem com seus amigos mais íntimos, como política, família e projetos literários. Em carta de 21 de julho de 1882, o português pergunta: “Já se publicou o volume que me diz ter no prelo e que devia estar pronto em Junho? Quando estiver publicado e tiver ocasião de

7 Francisco Gomes de Amorim (1827-1891) nasceu no Minho e, aos dez anos, veio para o Brasil, onde se instalou por algum tempo no Pará. Ao conhecer a obra de Garret torna-se grande amigo do escritor, tanto que alguns biógrafos afirmam que o escritor morreu em seus braços. Em 1866, Machado comentou em um artigo publicado no *Diário do Rio de Janeiro* dois livros de poesias de Gomes de Amorim: *Cantos Matutinos* e *Efêmeros*. A amizade entre Gomes de Amorim e Machado foi estreitada graças a Miguel de Novais, que também morava em Lisboa e sempre o cita nas correspondências com o cunhado. Em 1881, por exemplo, pede a Machado que envie uma cópia de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para o amigo português. Nessa mesma epístola, Miguel de Novais diz que Gomes de Amorim está doente, quase não sai mais à rua e que guarda mágoa de Machado, pois mandou a este uma biografia de Garret e o autor nem sequer acusou o recebimento. Em carta datada de 6 de dezembro de 1884, o adoentado autor deixa de orgulho e implora a Machado ajuda, em texto que tanto revela dados sobre a leitura em Portugal quanto o prestígio de Machado entre seus pares: “Infelizmente, para o que não há compensação é para os sacrifícios de dinheiro! Gastei perto de mil libras esterlinas na edição dos três volumes num país onde já não se lêem senão jornais e maus livros franceses! Contava com o auxílio do Rio de Janeiro, mas fui absolutamente infeliz; tendo mandado quinhentos exemplares do tomo 1.º ao Conde de São Salvador de Matosinhos, este não fez caso deles, e fui obrigado a retirá-los, ao cabo de 4 anos, perdendo perto de 300 exemplares, entre estragados e extraviados! 300 coleções truncadas! Não tive aí quem erguesse a voz, na imprensa, chamando a atenção para o meu trabalho, e o resultado foi tristíssimo! Rogo-lhe, meu excelente amigo, que leia pacientemente o meu trabalho, e que honre o autor e a obra com alguns artigos de sua esclarecida crítica. Pode ser que com isso me ajude a vender por aí alguns exemplares, com que contribuirá para me salvar do naufrágio econômico. Aqui quase toda a gente que escreve o tem feito largamente. Se tivesse meio de fazer aí transcrever as críticas, talvez me fosse útil. Mas algumas das melhores são muito extensas, e os jornais do Rio quererão dinheiro para as publicar – e dinheiro é que eu preciso!” (ASSIS, 2009, p. 329).

enviar-mo não se esqueça.” (ASSIS, 2009, p. 273). São por meio das cartas deste amigo que cintilações acerca do que está para ser lançado ou os sentimentos do autor diante da recepção da obra podem ser colhidos. Ciente da competência do autor, o cunhado aguarda ansioso sair a publicação e, curiosamente, só a recebeu tardiamente.

A publicação sairia somente em novembro de 1882 pelas prensas de Lombaerts & C., responsáveis pelas edições d’*A Estação*. Nesse ano, o belga Jean Baptiste Lombaerts já havia falecido e a casa estava sob a responsabilidade do filho, Henrique, de quem Machado foi grande amigo. Em 15 de julho de 1897, quinze anos mais tarde, quando o estimado amigo faleceu, Machado publicou nas folhas do jornal:

Durante muitos anos entretive com Henrique Lombaerts as mais amistosas relações. Era um homem bom, e bastava isso para fazer sentir a perda dele; mas era também um chefe cabal da casa herdada de seu pai e continuada por ele com tanto zelo e esforço. Posto que enfermo, nunca deixou de ser o mesmo homem de trabalho. Tinha amor ao estabelecimento que achou fundado, fez prosperar e transmitiu ao seu digno amigo e parente, atual chefe. *A Estação* e outras publicações acharam nele editor esclarecido e pontual. Era desinteressado, em prejuízo dos negócios a cuja frente esteve até o último dia útil da sua atividade.

Não é demais dizer que foi um exemplo a vida deste homem, um exemplo especial, por que no esforço continuado e eficaz, ao trabalho de todos os dias e de todas as horas não juntou o ruído exterior. Relativamente expirou obscuro; o tempo que lhe sobrava da direção da casa era dado à esposa, e, quando perdeu a esposa, às suas recordações de viúvo. (*A ESTAÇÃO*, 1897, p. 2).

Como Machado dedicou-se à literatura por meio século, viu seus principais editores falecerem como Paula Brito, Baptiste Louis Garnier, Faustino Xavier de Novais, Ferreira de Araújo e Henrique Lombaerts. Com todos a relação transcende os laços editoriais. Machado foi amigo das famílias e, nos jornais, foi bem mais que um assíduo colaborador.

A RECEPÇÃO DA ANTOLOGIA NAS FOLHAS CARIOCAS

As primeiras coletâneas de Machado, *Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia Noite*, não receberam a atenção necessária da crítica, mas o lançamento de *Papéis Avulsos* foi um acontecimento, pois meses antes já era aguardado pela imprensa. Manter sigilo sobre suas futuras obras era próprio de Machado, que só confidenciava essas informações com pessoas muito próximas, como Mário de Alencar e seu cunhado Miguel de Novais. Porém, muito provavelmente pela coletânea ser impressa pela casa Lombaerts, dona da *Gazeta de Notícias*, em 11 de abril de 1882, esse jornal já noticia a futura publicação. Com ainda mais detalhes, a *Gazetinha*, em 19 do mesmo mês, divulga o próximo lançamento e diz que o conto “D. Benedita”, com impressão em curso pelas folhas d’*A Estação*, constará na coletânea.

Em outubro, *Papéis Avulsos* invade a cidade e, no dia 26, os jornais divulgam o

recebimento, laureando o autor e prometendo uma nota futura após a leitura. Dada a importância do escritor, entende-se a celeridade da leitura, pois, como a adiantar-se, o *Jornal do Comércio*, no outro dia mesmo, escreve uma pequena nota aludindo ao lançamento do livro composto de narrativas já anteriormente publicadas e à advertência do volume. Estranhamente, essa notícia, assim como a da *Gazeta de Notícias* do dia 26, afirma que a obra sai pelas prensas de B. L. Garnier, o que é curioso, ainda mais ao se lembrar que esse último suporte pertencia a Henrique Lombaerts.

Mais ágil ainda que o *Jornal do Comércio*, a *Gazeta de Notícias*, também no dia seguinte, publicou uma matéria longa dando suas impressões sobre a coletânea e representando a primeira crítica polêmica sobre a obra. Elogiosamente, o texto inicia saudando o autor e classifica esse ano da publicação de *Papéis Avulsos* como o iniciador do segundo momento de sua arte, assinalado pelo deslocamento do enredo e do personagem ao segundo plano, estando em relevo o que antes era apenas um detalhe, um acessório despercebido pelo leitor comum:

Qualquer dos seus contos apresenta uma ideia, uma observação desfiada, desenvolvida, propinada a pequenos goles, mas a ideia quase sempre não passa de pretexto – e o produto é apenas o meio de empregar os processos.

Qual o sentido do volume de Machado de Assis não é difícil descobrir depois de lê-lo com atenção: é todo insistir no antagonismo entre o objetivo e o subjetivo, entre a realidade e a aparência.

Dado um fato qualquer, o autor mostra primeiro os fatores que parecem tê-lo motivado e depois investiga os que realmente o motivaram.

Para chegar a tal resultado são necessárias muitas perspicácias, muita observação e mesmo certa inexorabilidade. O autor possui estas qualidades, a que dá novo realce o domínio que exerce sobre a forma, uma forma plástica e sutil que traduz todas as cambiantes do pensamento e todas as cabriolas da fantasia (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 27 out.1882, p. 3).

A excelente definição demonstra uma boa leitura da técnica machadiana em que os fatos só têm importância para que se possa alcançar o que se encontra além deles. A análise, a observação acurada, que passa a ser o objeto dominante, o enredo e até mesmo a personagem apequenam-se diante desse intento, verdadeira desígnio do autor, elogiado na notícia por essa rígida e detalhada investigação.

No segundo parágrafo da citação, há destaque para a incompatibilidade entre objetivo e subjetivo, realidade e aparência, estabelecendo uma discussão que, anos mais tarde, Bosi (1982) utilizaria para analisar os contos machadianos. No texto “A máscara e a fenda”, o estudioso apresenta a máscara como aquilo que esconde a contradição entre o parecer e o ser. Assim, as personagens são cunhadas usando as máscaras para esconder o seu verdadeiro interior. Dessa forma, a máscara não está aliada apenas a um desejo do homem de seguir as aparências burguesas, mas a um desejo pessoal de esconder quem é – muitas vezes até de si mesmo.

Não longe dessa abordagem Gledson (1998) observa como Machado conciliava as narrativas com as questões da época por meio da expressão. Com isso, mostra como as personagens criadas são reflexos da sociedade: suas narrativas denunciam uma sociedade corrompida pelas aparências e relações sociais:

o método de veicular a verdade política pode ser facilmente descrito como alegórico, pois requer que o leitor enxergue o paralelismo entre o âmbito privado do romance (cuja ação é limitada a duas ou três famílias) e a história pública do Segundo Reinado. (...) Machado torna suas tramas capazes de transmitir essa mensagem histórico-política. (GLEDSON, 1998, p.13).

Para o crítico, todo o empenho e engenho no estilo de Machado é construído considerando as relações sociais que se estão expondo, a fim de apresentar ao leitor, por mais que disfarçadamente por meio da ironia, a crítica aos problemas sociais que se apresentavam na sociedade.

A despeito dos elogios à técnica machadiana, a sequência da notícia é desfavorável por considerar os contos reunidos em *Papéis Avulsos* marcados pela tristeza e negatividade, descambando para o tédio e o aborrecimento. O autor da crítica não vê as narrativas como edificantes e exemplifica com “Teoria do Medalhão” e “O Segredo do Bonzo” para afirmar que, de fato, a sociedade está cheia de medalhões e de pomadistas, mas, se por meio de seus contos Machado nivelasse a todos, não haveria quem preenchesse os altos cargos, por isso o crítico considera as pomadas como necessárias para promover a urdidura social. Ao finalizar, considera que, quando o escritor perceber essa necessidade, atingirá o terceiro momento de sua produção.

Ainda nos últimos dias de outubro, outras notícias saíram divulgando o aclamado volume. Entre essas, Araripe Júnior, novamente na *Gazeta de Notícias* (28 de outubro de 1882), escreve congratulando Machado por tratar não da situação real do país, mas daquilo que ele deveria ser. Esse comentário é bem distinto das críticas lançadas por ele, anos atrás, em *A Crença* sobre a ausência de aspectos nacionais na obra machadiana. Nessa enaltecida notícia, o crítico utiliza-se da “Teoria do Medalhão” para observar como os medalhões são responsáveis pela decadência por estarem espalhados do norte ao sul do país.

No dia seguinte, no mesmo jornal, sai uma curta nota para assegurar que o livro de contos diverte o leitor e o instrui, e, segundo a notícia, um conceito de Marmontel⁸ aplicável à recente publicação, pois deleita os leitores que buscam distrair-se com a filosofia presente ao mesmo tempo em que instrui os que atentarem para o estilo.

Outro texto interessante foi publicado no jornal *Le Messenger du Brésil* em 29 de outubro e, em 4 de novembro do mesmo ano, foi reproduzido também no *Jornal do*

8 Jean-François Marmontel (1723-1799) foi enciclopedista francês, com uma série de artigos escritos, reunidos sob o título *Éléments de Littérature*. Escreveu contos, poesias, e ensaios, mas sua maior produção foi em óperas. Com uma excelente reputação entre seus pares foi jornalista, memorialista, professor e membro da Academia Francesa.

Comércio. Escrito por Xavier de Carvalho⁹, o texto assegura haver, ao contrário do termo “avulsos” do título, certa unidade entre os contos, por isso a expressão mais acertada seria “Um colar de pérolas”. O crítico, coetâneo a Machado, já percebia aquilo que, muitos anos depois, estudiosos como Crestani (2014) dedicariam suas reflexões sobre a unidade desses contos pela pluralidade de representações discursivas, o que também, de certa maneira, coaduna-se com a concepção de Lúcia Granja (2000) sobre o projeto de literatura nacional já pensado por Machado muito antes de reunir seus esparsos contos. Também a *Revista Ilustrada*, em 1884, ao comentar a antologia, discute a questão da distinção entre os contos, sugerida pelo título, e também da unidade, baseada na advertência.

Outra afirmação importante da matéria de Xavier de Carvalho é quanto à precisão da observação machadiana ao usar primorosamente a palavra para descrever o objeto ou o pensamento e, por isso, considera:

eis aí o verdadeiro realismo, não o realismo grosseiro que finge ser apenas uma fotografia brutal, mas a sinceridade da impressão, a pintura ao natural, deixando entrever constantemente o filósofo por detrás do observador. Machado de Assis não pertence a nenhuma escola (*LE MESSENGER DU BRESIL*, 29 out. 1882, p. 4).

Ao individualizar a produção do autor, o crítico associa o termo “realismo” não à escola literária, mas ao campo semântico de representação dos fatos tal como são, sem exagerar nem atenuar os acontecimentos. Certamente, o texto deve ter agradado Machado, contrário às propostas realistas criticadas por ele, inclusive, quando analisou *Primo Basílio* em 16 de abril de 1878 e, também em 30 de abril do mesmo ano, momento em que divulgou uma nova crítica ao Realismo, provavelmente em decorrência da carta de Eça de Queirós sobre a crítica ao romance português.

O favorecimento e elogio tecidos quanto à singularidade literária de Machado estão longe de serem unanimidades. Silvio Romero, nesse mesmo ano, detém-se sobre a prosa machadiana no capítulo III do seu *O Naturalismo em Literatura*, em que trata especificamente da relação do autor com as manifestações literárias da época. Com caracterizações nada agradáveis acusa em tom agressivo o autor de “homenzinho sem crenças”, “pernicioso enganador”, entre outras afirmações tão hostis quanto infundadas.

O ataque inicia pela comparação entre a obra de Zola, elevado a mestre e Machado rebaixado a um lamuriento, isso porque, segundo o crítico, depois do talento do francês, a obra de Machado é inferior, visto o brasileiro ter uma postura política e literária dúbia. Além da severidade na escolha das palavras, um outro agravante é a recorrente insistência na ausência de formação do autor, por não ter “uma educação científica indispensável”, “sem o auxílio de uma preparação conveniente”, o que pesa são “as condições de sua educação”.

9 Não se trata de Inácio Xavier de Carvalho (1871-1944), poeta maranhense que viveu um tempo no Rio de Janeiro, pois nessa época estava com apenas 11 anos, mas sim de José Xavier de Carvalho (1861-1919) jornalista e poeta português que viveu grande parte de sua vida na França, onde divulgava os autores brasileiros; era correspondente da *Gazeta de Notícias* e de *O país*, onde mantinha a coluna “Cartas de Paris”. Magalhães de Azeredo, em carta a Machado datada de 10 de julho de 1898, cita brevemente sobre esse escritor.

Quanto ao estilo, acusa Machado de escrever conforme o Romantismo, quando esse movimento já dera seus melhores frutos e estava em dissolução. Daí, segundo Romero, a obra machadiana deveria ocupar um lugar secundário e parece ser esse o grande aborrecimento do crítico, o papel do autor frente aos beletristas de seu tempo, isso porque insiste em caracterizar sua pena de ultrapassada e sem valor, como “um tipo morto”, sem ter um romance ou uma poesia que assinalasse uma tendência.

Para ratificar a acusação, cita a ausência de uma postura incisiva de Machado na polêmica entre Alencar e Castilho, sem opinar entre o clássico e o romântico e também a atitude do autor de não aderir a tendência atual da literatura (o Naturalismo), como se não tivesse forças para romper com o passado e, por essa razão, acentua a acusação de ultrapassado.

Com nítida atmosfera de ojeriza, pincelada aliás em toda crítica de Romero a Machado, a notícia contrapõe-se a de Xavier de Castro, enquanto esse via com bons olhos a individualidade do escritor, aquele o acusava de covardia. Romero tinha uma excelente reputação em seu meio e dividiu com Machado até mesmo o júri de um concurso para eleger o melhor conto da época; com isso, deve-se imaginar que era um leitor atento às publicações nos jornais e, portanto, não ter feito, nessa crítica, qualquer observação ao lançamento da coletânea é mais um meio de inferiorizar a produção do autor, citada na notícia, aliás, como não ser composta de nenhuma obra de qualidade.

Ao contrário da crítica de ultrapassado do sergipano, a *Revista Ilustrada*, no número 321 de 1882, noticia o lançamento da obra e caracteriza o autor como “espírito ativo”, com “talento progressivo”, sempre a brindar as letras nacionais com obras inovadoras, e vê nos textos um tom filosófico, pois sempre há um ensinamento e, por isso, estimula a leitura dos contos.

De igual modo, tratando da evolução do autor, sai n’*A Estação*, em 15 de novembro de 1882, na seção “Bibliografia”, uma nota sobre a impressão geral da coletânea. Inicialmente, afirma ter ocorrido uma mudança no Machadinho a partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, considerado como “escassamento entendido” e admirável. E a coletânea obedece essa orientação com a ironia de Swift, o pessimismo de Schopenhauer e o realismo de Daudet.

A notícia não considera que alguns dos contos da antologia saíram muito antes do romance nas páginas dos jornais, o que também boa parte da crítica especializada ignora, mas que Bosi, já em 1974, chama a atenção, citando contos, inclusive, não recolhidos pelo autor, para desfazer a compreensão de uma abrupta ruptura no estilo machadiano, como até então se costumava repetir; essa concepção de Bosi é retomada anos mais tarde por Aderaldo Castello (1999), entre outros.

Na sequência, a matéria apresenta dois aspectos comuns nos contos da coletânea: o pessimismo e o egoísmo; o primeiro não de modo rabugento e negativo que desse um tom triste à narrativa, mas sim bem-humorado, sensível e reflexivo. O segundo brota do

fundo das ações humanas ou na sentença de não fazer ao outro o que não queres que façam a ti.

Apesar de positiva sem opor-se aos contos, essa observação final da notícia contrapõe-se com duas matérias que merecem ser lembradas: a saída na *Gazetinha*, em 1882, tratando o pessimismo como um traço marcado pela tristeza, razão que podia desencantar os leitores. E também esse traço foi pauta da *Gazeta de Notícias*, acusado de não ser edificante para os leitores; por isso, a coletânea foi considerada negativa e aborrecediça.

Em 3 de novembro de 1882, com avaliação também produtiva, o texto anônimo saído n' *O Fluminense* começa por esclarecer a preferência em deixar o nome do autor de lado para que se possa comentar sobre a obra com mais neutralidade, visto o peso da reputação de Machado para muitos já garantir a boa qualidade da obra. Na sequência, afirma que os contos: “Quase todos eles tendem a demonstrar o antagonismo existente entre a aparência e a realidade, antagonismo que é incontestável, mas que as conveniências sociais procuram algumas vezes envolver no silêncio” (1882, p. 3).

A relação entre aparência e essência, ou realidade, já observada na crítica da *Gazeta de Notícias*, retoma agora mostrando como esse par se alia nas conveniências sociais, o que, como diz Bosi (1982), se aprofunda na medida em que os contos de Machado amadurecem. Em seguida, passa a tratar de três dos doze contos: “O Alienista” feito para provar a existência de uma porção de loucura em todas as pessoas; “Teoria do Medalhão”, considerado um tesouro de inapreciável valor por abordar as reputações surgidas repentinamente na sociedade; e “O Segredo do Bonzo”, de pouca importância, pois, comumente, as pessoas são consideradas muito mais pelo que parecem e possuem do que pelo que são; daí não há novidade nesse conto. Mas, assim como os outros não mencionados, ele merece ser lido.

Além das apreciações da *Gazeta de Notícias* e de Xavier de Castro, saídas no jornal com opiniões um tanto quanto polêmicas, Francisco Luís da Gama Rosa¹⁰ escreve na *Gazeta da Tarde* uma nota, anunciada desde 24 de outubro e saída em 2 de novembro de 1882. Nela aponta a coletânea como continuação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, também se esquecendo da publicação dos contos nos jornais e do escritor romântico de antes. E afirma que essa mudança não é momentânea, acidental, mas fruto de uma troca da “varinha mágica de *charmeur* pelo látigo e a férula do moralista” (1882, p. 3).

E esclarece esse moralismo: “Por toda a parte pululam os medalhões, os pomadistas, os parasitas, os boêmios, os caloteiros, os trampolineiros de eleições, os cacetes autores de dramas, os ambiciosos sórdidos, os invejosos miseráveis” (1882, p. 3), para destacar como a sociedade andava desfavorável às produções mentais, mas, mesmo diante desse dilema, surge a obra de Machado, um arguto espectador das desilusões sociais que,

¹⁰ Francisco Luís da Gama Rosa (1851-1918, médico, jornalista, político, presidente da província de Santa Catarina e também da Paraíba.

segundo o crítico, representa essa situação nas obras:

há muito rancor e muito ódio naqueles *Papéis avulsos* para que a personalidade do autor se ache desinteressada.

Não se distingue ali o escritor naturalista que refere todas as grandezas e todas as ignomínias, com calma exatidão, com imparcialidade, friamente, como quem redige uma observação científica.

Por toda a parte transparece o antigo romântico, apaixonando-se pela narração, intervindo na luta, vindicando agravos, rancoroso e implacável.

Se não fora esse fato, se não fora a intenção, ostensivamente manifestada na ironia pungente, no humorismo contínuo, nas reflexões venenosas, teríamos nos *Papéis avulsos* um bellissimo trabalho realista, porquanto existe ali muita observação, muita análise psicológica, um profundo conhecimento do homem individual e coletivo. (*GAZETA DA TARDE*, 2 jan. 1882, p. 3).

Retoma aqui a tentativa de filiar Machado a uma estética literária. Enquanto Romero apontava o autor de não assumir nenhuma postura de filiação a alguma corrente estética, como o Naturalismo, Gama Rosa não vê aspectos desse movimento, pois não há neutralidade nos textos machadianos; ao contrário, o autor demonstra sua insatisfação com as questões apresentadas, por isso pelo espírito de insatisfação, ao mostrar suas emoções, lembra o teor do Romantismo. E, segundo ele, se não fossem essas pinceladas emotivas, seus textos seriam exemplos perfeitos de Realismo já que detêm poderosa análise psicológica, fruto de arguta observação. O crítico, mais preocupado em enquadrar o volume do autor em uma corrente do que em discuti-lo, quer ver na obra um apanágio das lutas aos problemas sociais presentes no Rio de Janeiro.

Nas linhas finais da crítica, Gama Abreu faz uma admoestação ao reproche do início e do fim da coletânea, quando Machado trata das influências estrangeiras na língua. Analisa como desnecessária a observação do autor, devido a essas manifestações de outros idiomas já serem comuns nos escritos brasileiros.

A polvorosa da recepção de *Papéis Avulsos* nos jornais não significa que todas as notícias foram lisonjeiras. Há, de fato, uma espécie de unanimidade quanto ao fato de Machado ser celebrado, mas ainda muito se discute quanto ao enquadramento de sua obra em uma corrente literária e também sobre aspectos próprios da coletânea. Enquanto uns vêm o pessimismo como um avanço na percepção das questões sociais e essa denúncia como um tom moralizante, outros o analisam como um empecilho enfadonho que gera uma narrativa triste e desencantadora; já outros se concentram em atrelar esse caráter como resultado das influências das leituras de que Machado se apropriava.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Papéis Avulsos**. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882.

_____. 1839-1908. **Textos Inéditos em Livro**. Organização Mauro Rosso. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014.

_____. **Correspondência de Machado de Assis**. Tomo II – 1870-1889. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

A ESTAÇÃO, Rio de Janeiro, 1879-1904.

BOSI, Alfredo. et al. **Machado de Assis: Antologia e Estudos**. São Paulo: Ática, 1982.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

CRESTANI, Jaison Luís. **Machado de Assis e o processo de criação literária**. São Paulo: Edusp, 2014.

GAZETA DA TARDE, Rio de Janeiro, 1880-1901.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 1875-1879.

GLEDSON, John. Os Contos de Machado de Assis: o Machete e o Violoncelo. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Contos: uma Antologia/ Machado de Assis (vol. 1)**. Seleção / Introdução e Notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GRANJA, Lúcia. **Machado de Assis, Escritor em Formação (À Roda dos Jornais)**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

JOBIM, José Luís (org.). **A Biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

JORNAL DAS FAMÍLIAS, Rio de Janeiro, 1863-1878.

JORNAL DO COMERCIO, Rio de Janeiro 1824-2016.

LE MESSENGER DU BRESIL, Rio de Janeiro, 1878-1884.

O FLUMINENSE, Rio de Janeiro, 1878-1879.

O PAIZ, Rio de Janeiro, 1884-1889.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico)**. São Paulo: José Olympio, 1955.

REVISTA ILUSTRADA, Rio de Janeiro, 1876-1898.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Por uma esquizofrenia produtiva**. Chapecó: Argos, 2015.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. **Fábrica de Contos: ciência e literatura em Machado de Assis**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acontecimento enunciativo 116, 117, 120, 122, 129

Afetos 31, 57, 158, 159, 162, 163

Agricultura familiar 158, 166

Al-Khansa 1, 2, 5, 7

Al-Khirniq 1, 5, 6, 7

Alteridade 121, 167, 176, 181, 182

Ancestralidade 158, 159, 163, 166, 187, 195

Atividades remotas 116, 117

C

Canto 161, 167, 175, 177, 178, 179, 180

Choro 5, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 57

Cognição 54, 57, 58, 59

Competência lexical do falante 106

D

Desterritorialização 149, 150, 152, 153, 155, 156, 157

Discurso docente 116

G

Guimarães Rosa 29, 30, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 42, 75, 76, 149, 150, 151, 152, 155, 157

H

Henriqueta Lisboa 131, 132, 133, 137, 140, 141, 144, 145, 147

História 2, 7, 9, 11, 14, 15, 17, 19, 20, 22, 25, 26, 29, 30, 31, 36, 40, 42, 56, 57, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 81, 90, 100, 106, 114, 115, 118, 120, 122, 128, 129, 130, 131, 139, 140, 141, 143, 144, 148, 157, 164, 165, 166, 168, 169, 171, 178, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208

I

Identidade 30, 50, 67, 73, 109, 158, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 176, 181, 182, 185, 198, 208

Imagem-símbolo 167, 179, 180

Indústria cultural 43, 44, 46, 47, 49, 50, 53

Infância 31, 63, 149, 151, 157, 201

Interação 22, 58, 77, 96, 98, 99, 177

Invisibilidade do ser 27

J

Jahiliya 1, 2, 3, 4, 7

Jornais 9, 10, 11, 80, 81, 82, 87, 88, 92, 93, 94, 95

Jovens mediadores 96, 99, 100

K

Kene 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 182

L

Leitura literária 96, 97, 101, 114

Literatura contemporânea 29

Literatura infantil 106

M

Machado de Assis 12, 13, 14, 43, 44, 46, 51, 52, 53, 80, 83, 85, 86, 89, 91, 95

Maranhão 9, 10, 14, 15, 62, 67

Maria Firmina dos Reis 61, 62, 64, 66, 67

Mário de Andrade 131, 132, 133, 135, 139, 140, 141, 143, 147, 148

Mímesis 68, 69, 74, 75, 76, 78

Morfologia lexical 106, 108, 115

Música popular 9, 10, 12, 15, 45, 46

N

Neologismos 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114

Neurociência 54, 55, 56, 59, 60

O

Onto-epistemicídio 184

P

Pandemia 27, 100, 102, 116, 117, 123, 124, 126, 127, 129

Poesia árabe 1, 7

Povo indígena 184

Povo negro 184, 185, 191, 194, 195, 198, 199, 206

Primeiras estórias 149, 150, 151, 157

U

Um marido ideal 16, 18

Úrsula 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2022